

# APRESENTAÇÃO

ROSENI PINHEIRO

*Amanbeci na minba aurora.*

A expressão de admiração de Riobaldo  
diante da coragem do menino Diadorim, frente ao  
incerto da travessia do Rio São Francisco

Guimarães Rosa

*A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato  
de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que  
ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que  
tenha existido, exista ou venha a existir.*

Hannah Arendt

O tema “Cidadania no cuidado: o universal e o comum na integralidade das ações de saúde” nos remete à ideia de fronteira, cuja travessia para alcançá-la nos exige coragem de pensarmos agindo sobre as práticas de cuidado na saúde, a partir do que consideramos mais desafiador para seu exercício: a responsabilidade e a confiança. Tornar visíveis as margens teórico-práticas para a construção de uma epistemologia amistosa aos estudos sobre a integralidade em saúde, entendida como um agir político responsável e confiável, significa reconhecer as passagens, trajetórias e experiências cotidianas, vivenciadas ou narradas pelos usuários, na relação com profissionais, docentes, discentes e gestores.

Trata-se de uma coletânea “travessia”, que continua o percurso anterior iniciado na edição comemorativa dos dez anos do “Projeto

Integralidade: saberes e práticas no cotidiano das instituições de saúde”, intitulada *Por uma sociedade cuidadora*. Naquele momento, enfatizamos a responsabilidade coletiva, o cultivo dos sentimentos públicos em relação à saúde e defesa do agir cuidador como expressão de amor à coletividade como vetores de construção de ações desfragmentadoras de saberes e práticas entre e por dentro das instituições de saúde e educação.

Desta forma, iniciamos esta publicação com o auxílio generoso da professora Agnes Heller, com a divulgação de sua palestra intitulada *On the concept of “care”*, proferida na abertura do seminário comemorativo dos dez anos do Projeto Integralidade. Numa interessante reflexão sobre o conceito de cuidado, a autora percorre, com apoio de filósofos contemporâneos como Heidegger, Foucault e Lévinas, além de suas próprias produções, caminhos analíticos daquilo que considera como algo *em comum* na grande variedade do uso do conceito de “cuidado”, que tem a ver, em todos os seus usos, com os conceitos de “responsabilidade” e “confiança”. Isto porque, *ao falarmos a alguém “Eu cuido de você”, a frase que pronuncio é em si um ato, pois é uma promessa que deve ser cumprida*. Na esteira de seus argumentos teóricos sobre esses conceitos para a definição da noção de cuidado, Heller finaliza seu texto nos convocando a cuidar do mundo, perguntando: “como alguém pode cuidar do mundo em um sentido não hiperbólico?”. E responde: *cuidando da vida dos outros, não apenas para sua vida simples, mas também pela sua boa vida. E cuidar, do modo como alguém é capaz de fazer e pode fazer, para a melhoria da vida dos outros, para a boa vida dos seres humanos, e a vida simples de outras criaturas*.

Dividida em quatro partes com 18 textos inéditos produzidos por pesquisadores, discentes, docentes do Grupo Lappis e convidados, esta coletânea busca, com todo “zelo e cuidado”, apresentar ao leitor reflexões plurais sobre temas que nos parecem semeadores de objetos de ensino, de pesquisa e de intervenção cidadã na saúde.

Na parte I, *Cuidado, integralidade e direito à saúde: a tríade ético-político do agir responsável no espaço público da saúde*, temos contribuições genuínas de autores-pesquisadores dos campos da Saúde Coletiva, como José Ricardo Ayres, Felipe Dutra Asensi, Felipe Rangel Machado, Bruno

Stelet e Roseni Pinheiro, que buscam, de maneira interdisciplinar, associar conteúdos do direito, da sociologia e da filosofia, de modo a propor as categorias reconhecimento, virtude, vontade e intersetorialidade como referenciais teórico-práticos importantes para se reafirmar o *ethos* nas práticas de integralidade em saúde.

Intitulada *Redes cotidianas de cuidado: desafios e possibilidades de incorporação de redes sociais nas práticas avaliativas em saúde*, a segunda parte desta coletânea se destina a repensar as práticas avaliativas em saúde nos espaços públicos, onde os autores – Aluisio Gomes da Silva Jr e colaboradores, Cinthia Alves e colaboradores, Francini Guizardi, Felipe Cavalcanti e Itamar Lages – realizam um exercício teórico e prático de incorporação das ideias de redes cotidianas de cuidado, redes e mediações sociais e democracia como aportes epistemológicos de investigação avaliativa em saúde.

Já na terceira parte, sob o título *Ação formativa na saúde: desafios para construção de redes de aprendizagem docente sob o eixo da integralidade das ações de saúde*, o foco das análises dos autores reside sobretudo na discussão sobre as repercussões da ação de formar na aprendizagem docente, assim como sua capacidade de autorreflexão. Os autores Maria Elizabeth Barros de Barros, Janaína Mariano César, Gilson Saippa-Oliveira, Lilian Koifman, Isabel Brasil Pereira e Anakeila Stauffer, além de Tatiana Coelho Lopes e colaboradoras, Rodrigo Silveira, Roseni Pinheiro e Ricardo Burg Ceccim e colaboradores, ancorados em suas expertises, adentram o mundo da saúde, educação e do trabalho, deslindando o fio da navalha do que poderia servir de pistas para se pensar o universal e o comum com relação ao discurso e às ações desse ator: o docente.

Por fim, na quarta parte, dedicada ao tema *Racionalidades médicas e práticas de saúde: desafios para a clínica e a promoção em saúde na integralidade do cuidado*, contamos com outro auxílio generoso, agora da Profa. Madel Therezinha Luz, levantando questões e desafios colocados para o estudo das racionalidades médicas e das práticas de saúde na atualidade. A pesquisadora Alda Lacerda, de maneira desafiadora, apresenta sua reflexão identificando os dilemas e possibilidades de integração entre homeopatia popular e homeopatia praticada por médicos no contexto da promoção da saúde. Encerramos

o debate nesta coletânea com dois textos, de Alessandra Charney e de Alexandre Amorim, que versam sobre temas contemporâneos envolvendo identidades sociais, tais como masculinidades, gênero, sexualidade como *leitmotiv* para se superar as dicotomias e dualidades mediante invenção de práticas de aprendizagem inclusivas e a reconciliação do saber popular com o saber erudito na produção de saúde no cotidiano dos sujeitos em ação.

O leitor poderia nos perguntar: afinal, o que todos esses temas têm a ver com o título *Cidadania do Cuidado: o universal e o comum na integralidade das ações de saúde*? Desde já respondemos que se trata de uma travessia, de um percurso nada tranquilo, que fatalmente não nos impedirá de deparar com limites, impossibilidades, incompreensões epistemológicas, que mesmos os críticos radicais e anárquicos vão insistir em responder pelo avesso – ou seja, saúde não é ausência de doença, é vida. Então nos perguntamos: mas o que é a vida na saúde se não considerarmos o que significa ficar doente e sofrer com e por isso? Daí sugerirmos que o universal na integralidade em saúde é a alteridade com o usuário e o comum é conceber a pluralidade como uma ação política, significa o que é público – ou seja, o comum trata daquilo que se compartilha, não daquilo que é semelhante. Abriga a ideia de pertença que configura comunidade, e pode se legitimar em progressão, por extensão gradual, como que delineando níveis sucessivos da comunidade à qual um indivíduo ou grupo pode ser integrado.

Parece-nos que *Cidadania do cuidado* tem o mesmo significado do sertão, como nos ensina Guimarães Rosa: “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”.

*Vale do Rio São Francisco, entre Petrolina e Juazeiro da Bahia,*  
agosto de 2011